

Onde as estátuas de anjos se encontram com as nossas cidades

Ex Angelica In Anglicam By Leidari Dey

Entra no mundo dos anjos viajantes, onde as estátuas de anjos e as nossas cidades se encontram, oferecendo um vislumbre das nossas ruas e catedrais como os anjos as veem nas suas jornadas.

36 obras selecionadas para artistas, colecionadores e sonhadores

“E se alguma vez eu precisar
de viver esta vida de novo,
sem dúvida escolherei-te a ti”

Sobre a exposição

O que deves saber sobre esta exposição para a compreender melhor:

1. Trabalho numa abordagem xamânica — primeiro estabeleço contacto com algo, depois pinto, e só depois interpreto o que criei e o que significa. Trabalho como investigadora e tradutora.

2. Penso nesta exposição como um espaço feliz, acessível e confortável — para o encontro com algo que olha a partir dos meus quadros. Aqui podes sentar nas cadeiras e deitar no tapete.

3. Os meus co-autores nesta exposição (pessoas e espíritos) e eu estamos a criar uma tradução entre três meios diferentes: algo além da experiência pessoal, pinturas e textos em inglês. Esperamos que a combinação de pinturas e textos ajude os visitantes, de uma forma ou de outra, a tentar compreender algo maior que não pode ser plenamente expresso através de imagens e palavras.

4. Nas pinturas, os anjos viajam pelas cidades humanas.

Bem-vindos!
Leidari Dey

Versão em áudio deste texto:

<https://leidari-dey.art/events/ex-angelica/welcome-text>



Descarrega o ficheiro PDF com todas as pinturas da exposição, textos alternativos e traduções literárias:

<https://leidari-dey.art/events/ex-angelica/materials>



Escreve-nos um email para informações sobre preços e disponibilidade das pinturas:

leidari.dey.the.artist@gmail.com

Pinturas de Leidari Dey (Elena Badasen)

Pinturas traduzidas em palavras por Lucy Markova

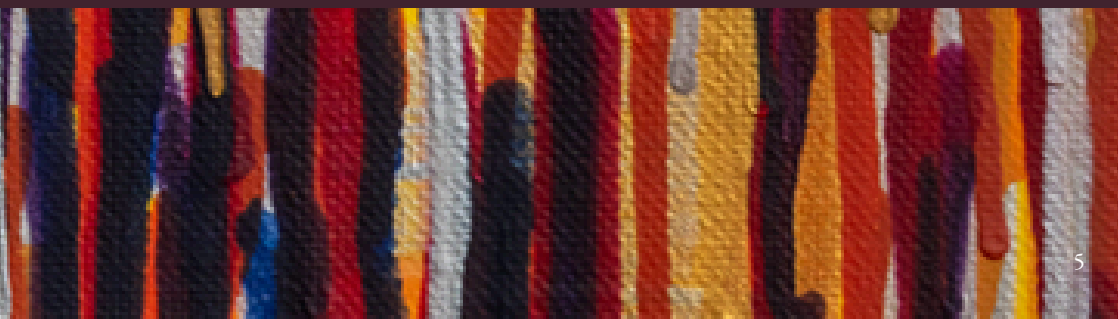
Palavras traduzidas para português por Liia Trunova

Consultora de acessibilidade Vanda Irkhuzhyna

Organização por Anna Domanitskaia

Mais informações sobre todos os que me ajudaram a criar esta exposição:

<https://leidari-dey.art/events/ex-angelica/information>



A woman with dark hair, wearing a black top, is painting on a canvas mounted on a wooden easel. She is holding a paintbrush with purple paint. The background is a blurred indoor setting with a blue wall and a chair.

A Artista

“

Desde criança que quero ser artista. Aos 30 anos tentei a ciência, o desenvolvimento de software, até não fazer nada — e sempre voltei à arte. Agora viajo pela Europa, faço fotografias e desenhos, e transformo-os em pinturas.

”

Leidari Dey é uma artista contemporânea que trabalha principalmente em pintura, explorando temas de memória, presença simbólica e a relação emocional entre pessoas e lugares.

O seu trabalho combina frequentemente referências arquitetônicas e históricas com figuras simbólicas, criando narrativas visuais que existem entre a realidade e a imaginação. Através de texturas sobrepostas e paletas de cores contidas, constrói espaços que parecem ao mesmo tempo familiares e ligeiramente deslocados no tempo.

A prática de Leidari Dey centra-se em trabalhos de longa duração em séries, onde cada projeto desenvolve a sua própria linguagem visual e estrutura conceptual. Atualmente trabalha entre a prática em estúdio pessoal e projetos de exposição independentes, continuando a desenvolver séries que exploram a memória, a paisagem e a narrativa simbólica.

Nota pessoal



A ideia para esta série de pinturas chegou-me de forma inesperada. Não sou uma pessoa religiosa — na verdade, sinto-me mais próxima de algo mais xamânico, mais intuitivo. E ainda assim, a imagem e o conceito das estátuas de anjos continuavam a voltar, uma e outra vez, até que percebi que precisava de os seguir.

Nesta série, tento imaginar como a vida humana poderia parecer da perspetiva de anjos viajantes — seres que se movem através de lugares, histórias e momentos sem pertencer a nenhum deles em particular.

Pergunto-me muitas vezes: é sequer possível traduzir esta experiência em linguagem? Em inglês? Em qualquer língua falada? Procuo o significado no espaço entre textos de natureza diversa e as pinturas. Não estou a tentar dar respostas. Estou a tentar traduzir um sentimento. Cada um de nós carrega dentro de si a sua própria tradução. Se, ao olhar para os meus quadros, ouvires uma voz algures dentro de ti — então o meu objetivo foi alcançado.



Acessibilidade & Experiência: Uma Nova Perspetiva

Acreditamos que a arte é para todos. Para garantir que esta exposição é inclusiva e imersiva, cada obra está acompanhada de duas camadas distintas de contextualização:

Descrições Visuais

Uma análise detalhada da cor, composição e imagem.

Concebidas especificamente para os nossos visitantes cegos, com baixa visão ou daltónicos, descobrimos que estas descrições oferecem uma nova perspetiva poderosa para todos os visitantes — revelando camadas da intenção da artista e detalhes subtis que de outra forma poderiam passar despercebidos.

Reflexões Narrativas

Um texto poético que capta o ambiente da obra, centrando-se no coração emocional da peça em vez da sua forma.

Como aceder: Pode encontrar estas descrições através de um código QR (em áudio) ou neste desdobrável. Se precisar de ajuda com a tecnologia ou para se orientar no espaço, por favor contacte um membro da equipa da galeria.

Convidamos todos os visitantes — com ou sem visão — a explorar estes recursos. São um convite a ver através de outro olhar, abrindo uma compreensão mais profunda do que a autora verdadeiramente quis dizer.





Parque dos Biscainhos em Braga



Descrição Visual

Acrílico sobre tela, 24×30 cm, vertical.

Estilo: Abstrato com elementos arquitetónicos e paisagísticos.

A pintura é dominada por tons de verde e branco com acentos de amarelo-esverdeado intenso.

A área central é coberta por uma forma branca irregular de bordos suaves, sobreposta a um fundo verde composto por manchas de verde mais escuro e mais claro. Dentro da área branca, um edifício é desenhado com linhas de contorno em verde escuro.

O edifício tem uma cúpula arredondada, aberturas verticais altas semelhantes a janelas e uma secção superior estreita que termina num pequeno elemento decorativo no topo.

Em torno do edifício encontram-se formas orgânicas alongadas em verde escuro, dispostas vertical e diagonalmente. Nas proximidades há manchas irregulares de amarelo intenso com bordos desiguais.

Ao longo do meio da composição correm várias linhas onduladas horizontais finas em verde escuro. Abaixo delas, uma forma vertical em verde escuro desce em direção a uma linha curva em verde escuro perto do bordo inferior.

Na área inferior há formas amarelas adicionais com contornos irregulares e dois pequenos pontos ovais amarelos.

As bordas exteriores da pintura mostram pinceladas verdes sobrepostas em diferentes tonalidades, formando uma área texturada semelhante a uma moldura em torno da forma branca central.





... entrou cada vez mais fundo na floresta — que árvores altas havia ali, que troncos largos! Espreitava cada buraco nas árvores: e se fosse um esquilo! Um esquilo, um esquilo... Se ao menos fosse um esquilo!

Espreitou para mais um buraco — e nunca mais ninguém a viu. Aqui dizem que foram os espíritos que a levaram. Mas não sei para que é que os espíritos querem uma rapariga. Para lhe mostrar esquilos de manhã à noite? Só se for.



Rua de Aveiro



Descrição Visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 24×30 cm, vertical.

Estilo: Abstrato com elementos arquitetônicos.

A pintura é dominada por tons de verde e turquesa com acentos de roxo escuro, branco, magenta e dourado metálico.

O fundo é composto por áreas sobrepostas de tinta verde clara e média com bordos suaves e irregulares. Algumas destas áreas formam formas irregulares com escorridos a descerem para baixo.

Na parte superior da tela há uma forma grande semelhante a um triângulo estreito com a ponta voltada para baixo, estendendo-se quase até ao meio da pintura. É pintada em tons de vermelho intenso e magenta e decorada com várias bandas metálicas douradas curvas em forma de arco.

Ao longo do meio da composição corre uma silhueta arquitetônica horizontal delineada com uma linha branca espessa. A linha forma uma sequência de formas pontiagudas e escalonadas. O contorno é nitidamente definido em contraste com as áreas pintadas em redor.

No centro deste contorno branco encontra-se uma pequena estrela de oito pontas pintada em dourado metálico. Abaixo da forma delineada há vários escorridos longos de tinta branca a descerem verticalmente. A metade inferior da pintura contém áreas de turquesa e verde mais escuras com linhas soltas em roxo escuro e formas ovais.

Ao longo da composição aparecem diferentes tipos de contornos: algumas formas são definidas por linhas nítidas semelhantes a marcador, outras são criadas por formas pintadas mais suaves com bordos difusos ou irregulares. O contraste entre contornos nítidos e áreas de cor difusa aparece em toda a tela. A superfície da pintura mostra a textura visível da tela e pinceladas sobrepostas.





“

As ondas eram tão altas que deslocavam a linha do horizonte — cada vez mais alto, mais alto, como se fosse transbordar. Pensava: ainda bem que trouxe o cachecol, ainda bem que trouxe o Raposinho — que brinque, que apanhe conchas, que grite. Com os anos, as ondas ficam mais baixas, mas por agora —

”

Vale do Vento Eterno



“

Gostava de usar camisas brancas, porque lhe lembravam os tempos em que era preciso a alguém. Ou seria isso uma ilusão? Seja como for, sentia-se como alguém ocupado, não apenas a andar pela rua sem rumo, mas a trabalhar para o coletivo.

Os anos passaram, a vida mudou, e com as mudanças veio a velhice. Desleixada, cansativa, mas, no fundo, não tão terrível como diziam os mais velhos quando ainda era novo. Havia alguma solidão, mas só quando adormecia, por isso, antes de dormir, preparava mais uma camisa branca — passar a ferro, engomar com goma, pendurar num cabide, nas costas do armário, suspirar satisfeito, dizer a si próprio: amanhã esperam por mim.

E de manhã vestia a camisa, porque não podia deixar sozinho o homem que tinha sido na noite anterior. Abotoava botão a botão, dizia: obrigado, meu querido, és mesmo um valente, como apoiaste o coletivo na minha pessoa. Olhava-se ao espelho, repetia: vê só que beleza, uma maravilha.

E agora, vamos dar um passeio até ao mar, querido? Hoje há lagostins e vinho branco no café. Está na hora de viver bem.

”



Vale do Vento Eterno



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 50×70 cm, vertical.

Estilo: abstrato com elementos paisagísticos.

Localização: Colinas junto ao rio Douro, Portugal

A composição assenta numa combinação de azul-claro, azul profundo, turquesa, rosa e tons dourados.

A parte superior da tela é preenchida por drips e bandas verticais em púrpura, castanho-dourado e cinzento-bege, sobre os quais repousa uma larga camada horizontal de tinta turquesa-clara com drips descendentes.

Abaixo desta camada corre uma banda horizontal azul-clara que forma a linha do horizonte. Sobre ela, quatro turbinas eólicas representadas como finos postes verticais com rotores de três pás; linhas semicirculares em torno das pás indicam o movimento de rotação.

A metade inferior da tela é preenchida por camadas de azul-escuro, turquesa e verde aplicadas em largas pinceladas semitransparentes.

No canto inferior direito, largas pinceladas rosa-claro com uma faixa rosa mais escura sobreposta. Na proximidade, uma larga banda diagonal de tinta amarelo-dourada percorre a superfície, com drips verticais descendentes.

Pequenas manchas de cor-de-rosa e rosa-pálido de forma irregular são igualmente visíveis na parte inferior da tela.



Desenhava no teto, nas paredes, macacos brancos, peixes amarelos, papagaios vermelhos, baleias azuis. Enquanto desenhava, não te lembras do que dói, de como dói, e sobretudo — em quem. E também não te lembras do que tudo isto significa. Desenhava e desenhava, e isso é ao mesmo tempo remédio e oração — para o caso de ser preciso, quem sabe? Parava, chorava, limpava o rosto com a manga de uma camisola velha, toda manchada de tinta, e continuava a desenhar — um peixe amarelo, outro, mais outro.

“

E estrelas, que haja estrelas, ela gosta tanto de estrelas. E uma vaca cor-de-rosa, e medusas, e leões fofos. E uma linha de comboio, e carruagens — que vão todas para algum lado, para onde for. Tem de haver uma maneira de ir, não tem?

Quando a mulher telefonou, ele dormia mesmo no chão, no linóleo frio. Disse que os resultados das análises eram bons. Disse que havia bons bilhetes, primeira classe, com desconto. Disse: estamos a voltar para casa — espera, espera, espera.

Fonte de Braga



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Estilo: abstrato com elementos arquitetónicos.

A composição é dominada por um fundo de drips verticais de tinta em rosa, magenta, púrpura, vermelho e branco, descendo a partir do topo da tela.

Em primeiro plano, grandes silhuetas negras formam a estrutura de uma fonte. As formas são sólidas e opacas, com bordos curvos suaves e contornos estratificados.

Perto do centro eleva-se um elemento vertical alto com uma forma côncava arredondada no topo. No lado esquerdo, uma estrutura de base mais reduzida suporta uma forma em vaso.

Linhas prateadas delineiam partes dos bordos e remates da fonte, sublinhando os contornos das bacias e dos detalhes arquitetónicos.

Várias formas horizontais curvas estendem-se pela parte inferior da composição, sugerindo as bacias sobrepostas da fonte.

Na zona inferior direita, padrões circulares e em espiral em púrpura-escuro e rosa aparecem no fundo, formando anéis concêntricos.



Fonte de Braga 2



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Estilo: abstrato com elementos arquitetónicos.

O fundo da composição é formado por camadas de pinceladas em vermelho profundo, magenta e violeta, aplicadas em largas pinceladas irregulares que criam uma superfície texturada com variações visíveis de densidade cromática.

Pela parte superior da tela correm várias linhas de pequenas bandeirolas triangulares brancas delineadas a prata, formando grinaldas decorativas.

Contornos lineares prateados no centro da tela descrevem a estrutura de uma fonte com uma bacia central e um tier superior mais reduzido. As linhas são fluidas e contínuas, formando contornos arquitetónicos simplificados.

Uma grande forma branca irregular ocupa o centro da composição, sobrepondo-se parcialmente à estrutura da fonte e estendendo-se horizontalmente pela tela.

Linhas brancas curvas e padrões circulares em espiral na zona inferior direita sugerem o movimento da água.

No lado esquerdo, um contorno vertical branco forma a silhueta de uma outra estátua abstrata parcialmente visível.





“

Encostado de costas ao pedestal, contava os transeuntes, apanhava distraidamente fragmentos de conversas numa língua desconhecida, fingia esperar por alguém — não estava habituado a simplesmente ficar ali sem fazer nada. E, no entanto, ficar ali sabia bem: vento forte e quente, céu encoberto, mas ao longe já começava o pôr do sol, e parecia que aquele rosa claro, aquele amarelo claro, aquela luz suave entrava por todas as janelas, pelos ouvidos, por baixo do casaco. Respirava. Fingia esperar por alguém.

A Voz de Užupis



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 30×40 cm, vertical.
Localização: Užupis, Vilnius, Lituânia.
Estilo: Abstrato com motivos figurativos.

A composição é executada em verde-menta pálido, cinzento-claro, verde-oliva acastanhado, ocre quente, dourado e castanho-avermelhado profundo, com contornos violeta-escuro.

O fundo é preenchido por um padrão de grandes segmentos irregulares e arredondados, delimitados em linhas violeta-escuro. Estes segmentos cobrem a maior parte da composição e são preenchidos com suaves variações de verde-menta pálido e cinzento-esverdeado claro.

No centro inferior da tela, uma forma vertical pálida semelhante a uma coluna eleva-se a partir do bordo inferior da composição. Acima da coluna surge uma figura de anjo estilizada em tons de ocre quente, dourado e castanho-avermelhado profundo. O anjo é representado segurando uma longa trombeta que se estende para o lado direito da composição.

Por detrás da figura, duas asas são indicadas com pinceladas de castanho-escuro e dourado. Uma área dourada mais clara, à maneira de auréola, envolve a parte superior da figura.

A forma do anjo é pintada em camadas fluidas e semitransparentes que se sobrepõem parcialmente ao fundo padronizado.

Ao longo do bordo inferior da composição, uma banda horizontal em tons de verde-oliva acastanhado e cinzento.





“

... desceu do céu como um anjo gigantesco. A máscara cobria-lhe o rosto, mas ele via os olhos — claros como água de rio, atentos, divertidos. Apaixonou-se logo. Não conseguia esquecer aquele olhar — à noite não dormia, só pensava, imaginava.

Algumas semanas depois do festival, quando finalmente retiraram as decorações das ruas e recolheram as últimas serpentinas e confetes, foi passear pela mesma rua. Tudo estava diferente, e seria estranho esperar um anjo do céu com aquele seu olhar atento e pesado. Mesmo assim continuou a andar, sem rumo, com um pouco de frio, bebia café, seguia em frente, parava, olhava para o empedrado debaixo dos pés, quase espelhado, polido — tantas pessoas tinham passado por ali. Olhava para as casas, espreitava pelas janelas — e se por acaso? Ouviu os gritos das aves, levantou a cabeça para o céu cinzento; por entre as nuvens apareceu um raio de sol — o último antes do crepúsculo. Então era aqui que estavas.

”

Piazza del Duomo em Milão



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 50×40 cm, horizontal.
Estilo: abstrato com motivos arquitetónicos.

No centro da tela, pinceladas abstratas em areia-dourada e bege-claro formam uma silhueta reconhecível de catedral. A forma inclui uma linha de telhado escalonada com secções inclinadas e múltiplas agulhas alongadas. Algumas zonas são sobrepostas por pinceladas verde-acinzentadas, criando manchas irregulares.

À esquerda, uma arcada estende-se com volumes arredondados em tom areia-dourado, evocando aberturas em arco.

No canto inferior esquerdo, em primeiro plano, uma pequena figura humana — silhueta escura abstrata com um ponto amarelo-dourado no peito. O rosto não é detalhado, sendo indicado por uma mancha branca. A figura encontra-se circunscrita por uma zona de contorno branco que a separa do fundo.

O fundo compõe-se de largas secções curvas em azul, divididas por linhas laranja-avermelhadas. Na parte superior, estas secções são notoriamente mais escuras, criando contraste adicional.

À direita, uma forma alongada em ocre-bege com vários pontos luminosos arredondados que evocam focos de luz.

A parte inferior da tela é preenchida com pinceladas verde-acinzentadas e ocre, formando uma superfície irregular.







A time for us (Um tempo para nós)*

Junto ao cais balançava um casco amarelo enferrujado. Na verdade, claro, um barco — mas às vezes é preciso olhar a verdade de frente: barco, aquilo tinha sido há muitos anos, e agora — bom, agora só mesmo para balançar ali, junto à margem. E, no entanto, ainda teremos muito pela frente, pensava, passando a mão pelo lado áspero, vendo a crosta da tinta velha — outrora da cor de um feliz sol de verão — a desfazer-se.

Ainda teremos tudo, dizia baixinho, em voz alta, enquanto subia a bordo por uma escada que parecia sustentar-se no ar. Ainda vamos dançar, dizia com ternura, oferecendo o rosto aos salpicos das ondas a rebentar contra o casco. Mas por agora — por agora fico só a dormir aqui. Não te importas?

** O título refere-se à canção «A Time for Us» (também conhecida como «Love Theme from Romeo and Juliet», 1968). Música de Nino Rota, letra de Eddie Snyder e Larry Kusik. Tornou-se especialmente conhecida na versão instrumental de Henry Mancini, tendo sido amplamente interpretada por vários artistas.*





Sombras e Canais



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 40×50 cm, vertical.

Localização: Veneza, Itália.

Estilo: Abstrato com elementos figurativos e arquitetônicos.

A composição é executada em turquesa, azul profundo, branco, prata e tons de cinzento-esverdeado acastanhado.

O fundo é formado por camadas diluídas de tinta turquesa e azul com drips verticais mais escuros descendentes a partir do bordo superior da tela.

Pelo centro da composição estende-se horizontalmente uma larga banda branca da esquerda para a direita.

Dentro desta banda, uma forma turquesa pálida surge no centro, cujo bordo superior forma uma sequência de cúpulas arredondadas e silhuetas pontiagudas à maneira de agulhas, criando a impressão de um horizonte arquitetônico distante.

Por detrás eleva-se uma larga estrutura geométrica prateada composta por blocos retangulares e formas escalonadas.

A metade inferior da tela é dominada por formas azul-escuras que sugerem barcos agrupados em estreita proximidade, com pinceladas visíveis e bordos irregulares.

Linhas verticais escuras elevam-se por toda a metade inferior da composição, evocando postes ou varas fincados na água.

Perto do lado esquerdo da tela, uma pequena figura humana em pé sobre uma das formas escuras, executada em negro e branco com detalhe mínimo.



“ Tim abraçava o velho salgueiro com tanta paixão que qualquer estranho teria vontade de desviar o olhar, mas não era um estranho, nem para o Tim nem para a árvore, e compreendia tudo perfeitamente — ficou ali, a sorrir de orelha a orelha, contente com o reencontro de velhos amigos.

”

De Nieuwe Kerk em Amesterdão



Descrição visual

Tinta acrílica e marcadores sobre tela, 24×30 cm, vertical.

Estilo: Abstrato com elementos arquitetónicos.

A composição é executada em tons de turquesa, azul, verde, vermelho e laranja, com contornos dourados vivos.

O fundo é composto por camadas de turquesa e azul com tinta azul-escura a fluir em drips verticais. A tinta é aplicada em largas manchas irregulares, deixando que as diferentes camadas e a textura da tela permaneçam visíveis.

No lado esquerdo da composição, uma larga forma verde irregular desce a partir do bordo superior da tela, com o contorno delineado por uma fina linha dourada que forma pontas.

Pelo centro da composição corre uma silhueta arquitetónica vermelha alongada, com bordo dourado vivo e várias agulhas verticais estreitas que se elevam. Uma agulha triangular maior surge no lado direito desta estrutura, igualmente delineada a dourado.

Abaixo desta silhueta vermelha, manchas irregulares de tinta azul e turquesa formam formas estratificadas com textura e marcas de pincel visíveis.

Perto do centro da metade inferior, impressões com padrão subtil surgem na tinta, sugerindo elementos texturados incorporados na superfície.



Estátua do Anjo no Cemitério Bernardino 1



Estátua do Anjo no Cemitério Bernardino 2



“

Calou-se, sem acabar de cantar — faltavam só duas ou três linhas. Cortou-se a si própria a meio da palavra, a meio da nota, ficou imóvel — e assim ficou a olhar para a sala. Não que ninguém alguma vez tivesse saído de um concerto antes do fim, mas aqueles ombros, aquela maneira de ir puxando o casaco enquanto andava, aquele chapéu ridículo de sempre — mas que exibicionismo, meu Deus, que exibicionismo.

Se já vieste ao concerto vindo do outro mundo, podias ao menos ter ficado até ao fim, custa-te assim tanto? Antes parecia que gostavas...

Não custa, não custa, desculpava-se, de pé à porta do camarim, rodando nas mãos um ramo meio suspeito. É que me lembrei de repente que aos concertos das mulheres de quem se gosta se deve ir com flores, lembrei-me no último momento, pensei que não ias reparar, mas debaixo das vossas janelas só cresce angélica*, dinheiro não tenho — de onde havia de ter. Minha senhora, minha senhora, aceita umas florzinhas? Espero que o público não leve a mal.

Agora têm muito tempo pela frente.

”



Estátua do Anjo no Cemitério Bernardino 1



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Vilnius, Lituânia

Estilo: Abstrato com elementos figurativos.

A composição é constituída por tons de verde-escuro, esmeralda, turquesa, prata, cinzento-claro e negro.

O fundo é formado por camadas de áreas verdes e turquesa, aplicadas com pinceladas visíveis. A tinta forma manchas sobrepostas irregulares, deixando que os tons mais escuros e mais claros transpareçam uns através dos outros.

Na parte superior da tela, grandes formas brancas irregulares distribuem-se pela superfície. Várias linhas verdes percorrem estas formas, sugerindo ramos simplificados.

Perto do centro da composição eleva-se uma figura vertical alta, executada em branco com contornos negros. A figura evoca uma estátua de anjo com asas erguidas. A figura é representada de perfil, pelo que apenas uma asa é plenamente visível: pintada a negro e marcada com vários traços curvos brancos curtos indicadores de formas semelhantes a penas. Duas linhas brancas paralelas que sobem indicam a segunda asa por detrás da primeira.

Na parte inferior da composição, várias formas de cruces escuras sugerem marcadores funerários, executadas em negro com bordos rugosos e irregulares.

Uma larga forma horizontal escura e irregular estende-se pela zona inferior esquerda da tela, sobrepondo-se parcialmente às cruces e à base da figura central.



Estátua do Anjo no Cemitério Bernardino 2



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Vilnius, Lituânia

Estilo: Abstrato com elementos figurativos.

A composição é constituída por tons de verde-escuro, verde-oliva, cinzento-azulado, prata e negro.

O fundo é formado por camadas de verde-escuro e verde-oliva, aplicadas com pinceladas visíveis. A tinta é irregular, deixando a textura da tela à vista em várias zonas.

Perto do centro da composição surge uma grande forma vertical irregular em cinzento-azulado pálido, com bordos suaves e irregulares e zonas parcialmente transparentes onde o fundo mais escuro se vê por baixo.

À frente desta área mais clara, uma figura escura que evoca uma estátua de anjo com asas erguidas, executada em tons de cinzento-escuro e negro com bordos de pincel rugosos.

Realces prateados indicam partes das asas e o volume vertical alongado da estátua.

À esquerda da figura, uma cruz alta e estreita pintada a branco.

Formas escuras na área envolvente sugerem livremente monumentos verticais ou cruzes adicionais.

Uma larga forma horizontal escura estende-se pela parte inferior da composição, sobrepondo-se parcialmente à base da estátua e aos demais elementos.



“

“Solzinho. Solzinho, já te disse pela última vez. Nem toda a gente que te parece simpática deve ser trazida para casa.”

A menina apertava uma boneca suja nos braços, de pé até aos tornozelos numa poça, e recusava-se a ir para casa almoçar. Não vou, nem pensar, aqui têm, só com ela, ou então sem mim. *Meu Deus, abençoa esta criatura, e a mim também* — pensava a avó — *só tu sabes como vamos explicar isto à mãe dela.*

Adormeceu enquanto esperava pela neta no banco, pareceu-lhe que só por uns minutos, acordou — e já não era uma neta, era um porquinho novo, ainda que completamente feliz — bem,

é para isso que serve

a infância, que assim seja. A boneca, depois da quinta lavagem, começou

a ganhar traços humanos, e depois da sétima — não humanos, afinal era um anjo de peluche: o monte sujo na cabeça transformou-se em caracóis macios de lã de tricotar, os tocos caídos e tristes nas costas — em asas. Chinelos vermelhos tortos, cosidos à pressa, saía lilás espetada.

Onde devia haver uma blusa — riscos de marcadores diretamente no corpo, verdes, azuis, amarelos; parece que alguém fez o brinquedo para si, cansou-se, e desenhou o resto da roupa.

“Como é que se pode perder um brinquedo assim, não percebo, tanta falta de jeito e, ainda assim, tanto trabalho” — pensava a avó.

“Como é que, como é que” — pensava a neta, no mesmo tom. *Quando se quer viver, faz-se o que for preciso. Quando se sai para o turno, pensar na roupa de cerimónia fica para o fim, o importante é não ficar pelo caminho. Há quem seja encontrado numa poça — já não é mau, podia ser numa vala. Teve pena da mãe. Dizem que estes são como gatinhos abandonados. Os anjos da guarda mais fiéis.*

”



Estátua do Anjo de Užupis — versão branca

Estátua do Anjo de Užupis – versão branca



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Vilnius, Lituânia

Estilo: Abstrato com elementos figurativos.

A composição é dominada por tons quentes de vermelho, laranja, dourado e rosa, em contraste com o branco e pequenas zonas de verde.

A metade superior do fundo é preenchida por densos drips e bandas verticais de tinta em vermelho, laranja, púrpura escuro e dourado metálico, descendo em filamentos irregulares de espessura variável.

Ligeiramente à direita do centro, a silhueta branca da estátua do Anjo de Užupis, assente sobre uma coluna alta e estreita. O anjo é representado segurando uma longa trombeta que se projeta diagonalmente para cima e para a esquerda. Uma asa estende-se para a direita. A estátua e a coluna são pintadas em espessa camada de branco com textura de pincelada visível.

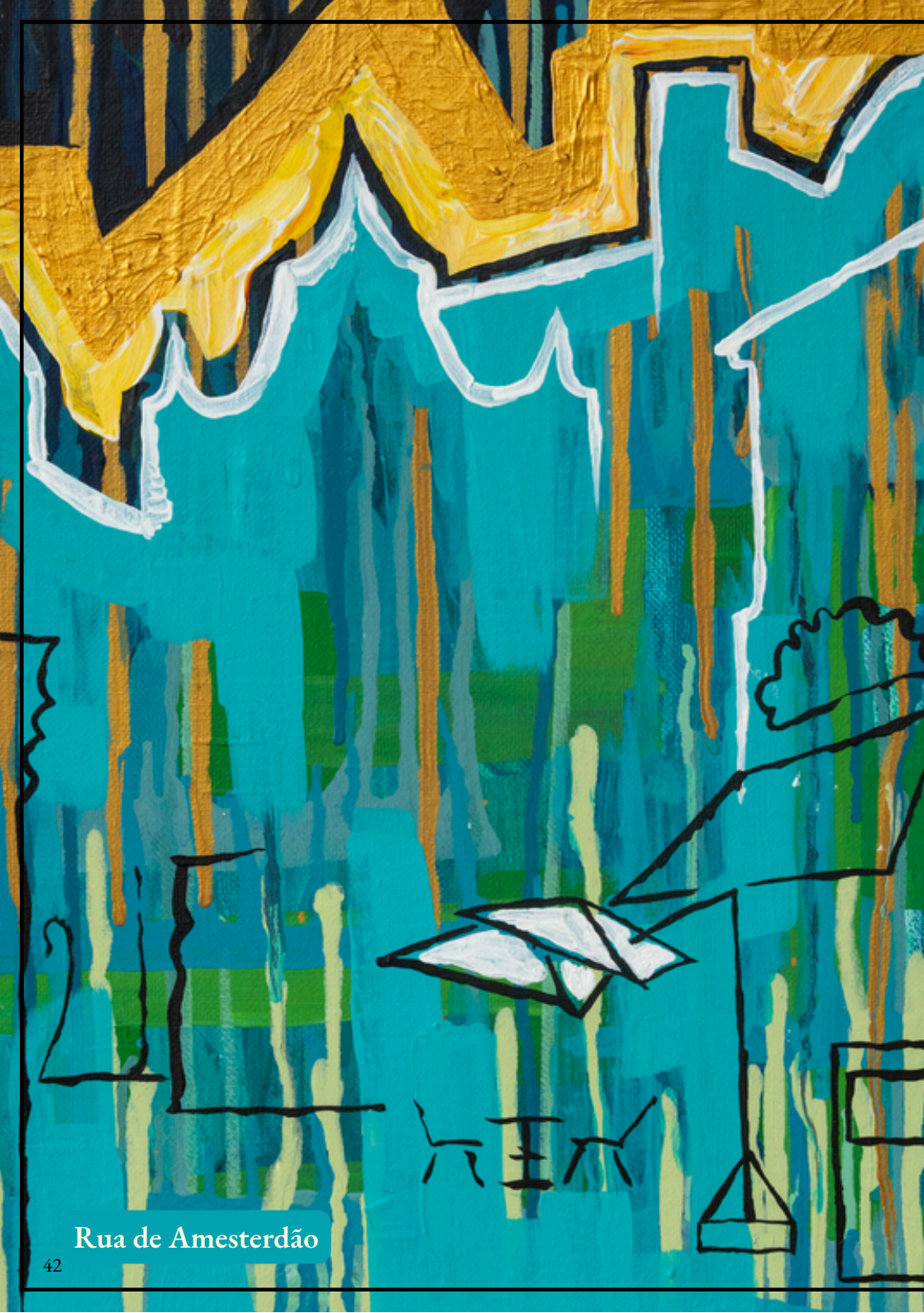
Pelo centro do fundo, por detrás da estátua, corre uma banda horizontal composta por formas retangulares e irregulares sobrepostas em rosa-claro, bege, dourado, laranja e cinzento.

No canto inferior esquerdo, uma forma vegetal verde com várias folhas alongadas e múltiplos pequenos pontos circulares amarelo-dourados.

A superfície da tela revela textura visível e pinceladas estratificadas em toda a sua extensão.







Rua de Amesterdão

“

Ruído, estrondo, estilhaços — tudo isso, seja o que for, e tu ao meu lado, e agora vai haver silêncio, e vou ficar em paz, e vou conseguir respirar.

Grande montanha, pequena montanha, estrada longa, três paragens por dia, vamos caminhar uma semana ou duas, vais estar ao meu lado, e vamos olhar em frente, nunca para trás, e a estrada vai estender-se sob os nossos pés, e antes não havia caminhos para mim.

Verde, azul, clara — gritava comigo, olhava-me nos olhos durante muito tempo, chorava — e eu via-a, como te via a ti diante de mim, só que não eras tu, não eras tu, apenas um pensamento, uma lembrança — e volto a poder existir.

Quando deixaste de existir, quando já não estavas ao meu lado, eu respirava: não por inércia — respirava porque aprendi a respirar, e isso já não posso esquecer.

”



Rua de Amesterdão



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Estilo: abstrato com elementos arquitetónicos.

A composição é dominada por tons de turquesa e azul-esverdeado em camadas sobrepostas em grande parte da tela. O fundo é formado por pinceladas verticais sobrepostas em tons de turquesa, verde e azul, entremeadas com finos drips verticais de tinta dourada e amarela-pálida.

No topo da tela, uma área negra cruzada por várias finas listras verticais douradas.

Abaixo desta área corre uma larga banda irregular de tinta dourada metálica em dois tons ligeiramente diferentes, com textura espessa, marcas de pincel visíveis e um fino contorno negro ao longo do bordo inferior.

Abaixo desta banda, uma linha contínua branca forma um contorno recortado e escalonado evocando uma fila de telhados triangulares estreitos.

Na metade inferior, linhas negras finas desenham formas lineares simplificadas que sugerem elementos de rua. No lado direito, uma linha negra fina forma uma estrutura alta e oblíqua. Perto do centro desta estrutura, uma pequena forma geométrica composta por vários planos triangulares brancos unidos e delineados a negro.

Na proximidade, cadeiras e uma pequena mesa são indicadas com linhas negras finas, formando contornos geométricos leves.

Outros desenhos lineares negros distribuem-se pela zona inferior como traços curtos e segmentados e formas geométricas simples, criando uma camada gráfica à maneira de esboço sobre o fundo pintado.





“

Partiu o croissant em duas partes, ficou a ver as migalhas a cair, as camadas a separar-se. Estendeu a maior à gata, a outra metade ficou para si. A gata saltou da cadeira frágil, de ferro trabalhado, para a mesa, quase derrubou o cinzeiro, cheirou o pão, olhou-me com desaprovação, mas aceitou a oferta — mais como uma oferenda do que como caridade.

Dinheiro, é verdade, já era o último, mas desde quando é que a pobreza nos fez ignorar olhos de gato famintos — pois, nunca — e por isso aqui estamos, num café vazio na praça, sem dinheiro e quase sem memórias, mas com uma boa nova — a boa nova tem cauda branca e manchas pretas num focinho ruivo. Ainda há mais por vir.

”

Uma Porta em Veneza



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 50×40 cm, horizontal.

Estilo: Abstrato com elementos arquitetónicos.

A composição é constituída por tons de turquesa, cinzento, bege, vermelho, verde-escuro e pequenos acentos de dourado e azul-claro.

A parte inferior da composição é ocupada por uma larga área turquesa que sugere água, com retângulos turquesa irregulares, mais escuros e mais claros, distribuídos pela superfície.

Acima da água corre uma banda horizontal escura composta por formas retangulares irregulares em tons de verde-escuro e negro.

A zona central da composição mostra uma fachada construída por camadas de manchas retangulares em bege e cinzento, aplicadas com pinceladas visíveis.

Pelo centro da fachada, uma larga banda horizontal de retângulos à maneira de tijolo vermelho, entremeada por pequenos acentos irregulares amarelos.

Perto do centro da tela, um objeto alto e escuro em forma de porta eleva-se verticalmente a partir da banda de tijolo. A porta é emoldurada por linhas em azul-pálido e encimada por um elemento horizontal estreito.

Várias formas retangulares pequenas semelhantes a janelas surgem na parte superior da fachada, delimitadas em azul-pálido e preenchidas com tons mais escuros.





“

Claro que percebo que estar descontente com a própria sorte é uma coisa estúpida, ingrata, mas aqui estou, com fome, desamparado e irritado, sem ninguém a quem ir, sem para onde ir. E no céu há milhões de estrelas, mas não se juntaram num número de telefone de um banqueiro bondoso, nem num sorriso de apoio, nem no rosto do primeiro amor, nem em qualquer outro sinal de bondade.

Dar por si metido numa completa desgraça é estúpido, mas ainda mais estúpido é perceber que essa merda és tu. Mas quando à volta não há nem sinal de um final feliz, nem uma promessa boa, nem sequer uma lição cármica qualquer — só silêncio — isso é verdadeiramente assustador.

Ser ignorado, dar por si como ausência — ausência de vida, ausência de sentido, e uma ausência total de consciência — era mais assustador do que tudo o que tinha visto e sentido antes.

Ficava ali, enterrando as mãos na areia, deixando as ondas cobrirem os pés, os tornozelos, as pernas.

E isto também passa.

”

Barcos no Rio Douro



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 30×24 cm, horizontal.

Localização: Porto, Portugal.

Estilo: abstrato com elementos figurativos.

A composição é dominada por tonalidades de turquesa e azul, formando uma superfície de água estratificada que ocupa a maior parte da tela.

Na zona central, dois volumes alongados em forma de barco, pintados em tons castanho-avermelhados. Os barcos situam-se muito próximos um do outro, com um ligeiramente recuado em relação ao outro, de modo que as suas formas se sobrepõem parcialmente. As suas superfícies são decoradas com padrões de espirais repetidas em rosa-claro e bege. Cada barco tem um mastro vertical fino com várias linhas diagonais que dele partem, sugerindo cordas ou aparelhos.

No lado esquerdo da composição, várias linhas angulares vermelhas estendem-se diagonalmente sobre a água, evocando uma representação semi-abstrata de remos.

Formas azul-escuras e cinzentas na parte superior da tela formam uma banda horizontal contínua, sugerindo uma margem distante.

A secção superior da tela é preenchida por uma larga área dourada coberta com motivos em espiral repetidos, em tons de rosa-claro.

Pela parte inferior da tela, linhas curvas vermelhas sobrepostas ao fundo turquesa formam padrões soltos e irregulares sobre a superfície da água.





Estátua do Anjo de Užupis à Noite

“

Acordou encharcado em suor. Ficou muito tempo a olhar para o teto, sem se atrever a levantar-se da cama. Já tinha visto muitos pesadelos, mas um terror tão silencioso, a infiltrar-se por baixo da pele, a alterar a consciência — nunca. Tinha medo de que, se se mexesse, o mundo à volta ganhasse vida, tudo comesse a mover-se, o mecanismo se pusesse em marcha — e pronto.

Acordou com um estrondo — o cão deitou ao chão a mochila com o portátil — paciência, a mochila que se lixe, meu Deus, que bom ter acordado. Obrigado, obrigado. Acordou sem saber para onde olhar, o que ver — à volta havia só luz — e não se via nada naquele tipo de luz, naquela ausência de escuridão.

”



“

Estátua do Anjo de Užupis à Noite



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 24×30 cm, vertical.

Localização: Užupis, Vilnius, Lituânia.

Estilo: abstrato com elementos figurativos.

A composição é construída em tons escuros de cinzento, negro, dourado e castanho-avermelhado.

O fundo é formado por áreas verticais em cinzento profundo e negro, com textura de tinta visível e transições suaves entre tonalidades.

Pela tela correm várias formas horizontais largas em dourado metálico, com bordos irregulares e protuberâncias arredondadas que se estendem de um lado ao outro da composição.

Perto do centro, uma zona irregular de tinta castanho-avermelhada com bordos difusos de pincel. A forma estende-se diagonal e verticalmente, formando uma massa angular solta sobre o fundo escuro.

Sobre esta zona, um traço de linha dourada fina desenha uma figura esbelta de pé sobre uma alta coluna, com um braço levantado segurando um objeto longo em forma de trombeta.

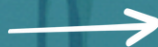
Formas verticais escuras no fundo criam uma estrutura estratificada em torno da figura central, reforçando a composição vertical da obra.





Voava como um pássaro, corria como um lobo, disparava como uma lebre até ti, até ti, todo o caminho até ti. Nunca amei ninguém assim, e agora aconteceu — amo-te. Ia com tanta pressa, não via nada além de ti — deixei cair a carteira,

”





perdi o telemóvel, as malas ficaram no aeroporto, nada disso importa. Não importa, porque hoje há esta luz, este céu, estas ruas de pedra — e tu — cidade querida, que saudades eu tinha, meu Deus, que saudades.

“

Scuola Grande di San Marco ao Pôr do Sol 1



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Veneza, Itália.

Estilo: Abstrato com elementos arquitetónicos.

A composição é constituída por tons de azul, azul-violeta, turquesa e dourado metálico claro.

O fundo forma um gradiente suave de tons azuis com um matiz azul-violeta notório, mais escuro no topo e progressivamente mais claro na parte inferior da tela.

Na zona superior direita da composição, a fachada superior de um edifício é executada em tinta dourada metálica clara, apresentada em ligeiro ângulo diagonal.

A fachada compreende várias secções arquitetónicas. No centro, um portal retangular emoldurado por colunas e encimado por um arco decorativo; no interior deste painel central, uma figura de leão.

De ambos os lados da secção central, elementos arquitetónicos de planta curva com frisos ornamentais e pequenos nichos contendo figuras humanas simplificadas em pé.

Ao longo do remate superior da estrutura, várias estatuetas dispostas sobre pedestais.

A representação do edifício é cortada e desce até aproximadamente à metade da grande abertura arqueada.

Abaixo da secção arquitetónica dourada, a parte inferior do edifício é pintada em tons turquesa. Linhas azuis mais escuras indicam janelas em arco e detalhes arquitetónicos da fachada.



Scuola Grande di San Marco ao Pôr do Sol 2



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Veneza, Itália.

Estilo: Abstrato com elementos arquitetônicos.

O fundo apresenta um púrpura saturado com transições para tonalidades mais escuras e mais claras. No lado esquerdo, surgem largas manchas de bordô e violeta escuro.

No centro e à direita, formas dourado-amareladas de topos arredondados agrupam-se em estreita proximidade, parcialmente sobrepostas, evocando cúpulas ou estruturas em arco. Entre elas e à sua volta distribuem-se pinceladas e manchas de azul, turquesa e azul-verde.

Da esquerda inferior para a direita superior corre uma diagonal de largas pinceladas em rosa-carne e tinta dourada, cobrindo parcialmente as manchas azuis e as formas douradas.

Na parte inferior, manchas difusas de turquesa-esverdeado e azul com contornos irregulares e transições fluidas.

A composição conjuga assim um fundo púrpura, formas douradas evocadoras de cúpulas ou arcos, manchas contrastantes de azul e turquesa e pinceladas diagonais em tons de rosa e dourado.





Árvores em diálogo sobre o rio Vilnia

Empurrava para cima, montanha acima, outra vez, outra vez. Fosse verão, outono ou primavera — sempre a subir, nunca uma vez sequer a descer. *Porque é que o inverno, por exemplo, não podia chegar sem esforço, porque é que é sempre preciso empurrar.*

”



Secret language of trees



“

E se largar — esmaga? Fica imóvel? Será a hora?

Largou.

Em novembro, floresceram as rosas, o roseiral bravo. Pois é.

Trees talking over the Vilnia river



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Vilnius, Lituânia.

Estilo: abstrato.

A obra é construída numa paleta verde-azulada com acentos brancos luminosos.

O fundo é composto por zonas verdes em tonalidades mais claras e mais escuras, divididas por linhas vermelhas que formam um padrão de malha. Na zona central do fundo, manchas verticais alongadas em azul-escuro e verde-escuro.

Na parte inferior da tela corre uma larga banda horizontal em azul-escuro.

Ligeiramente à direita do centro, uma grande forma vertical branca com bordos irregulares e inclusões acinzentadas. Dela partem três pinceladas horizontais alongadas e irregulares em tonalidade clara, que transitam para ramificações azuis de textura igualmente irregular, expandindo-se para o exterior.

Manchas adicionais em cinzento e branco distribuem-se pelo fundo e pelos demais elementos, criando um efeito de estratificação.



A Linguagem Secreta das Árvores



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Vilnius, Lituânia.

Estilo: abstrato.

A composição é constituída por tons de branco, azul, azul-escuro, cinzento-verde e próximo do negro.

Uma larga área branca retangular ocupa a maior parte da zona central da tela. É delimitada por tinta próxima do negro ao longo dos bordos exteriores da composição.

Sobre a área branca, uma estrutura ramificada irregular é pintada em tons de cinzento-verde e azul-escuro. A forma é composta por volumes interligados, arredondados e alongados, com bordos irregulares.

Várias pinceladas azuis verticais surgem por detrás e ao lado desta estrutura, criando formas sobrepostas em estratificação.

Na zona inferior direita da composição, uma espessa pincelada azul estende-se horizontalmente ao longo da base da área branca.

Pequenos espaços brancos irregulares persistem entre as formas escuras, permitindo que o fundo transpareça através da rede de volumes.



“

Deitava água. Deitava e deitava, via-a escorrer — em chuva, em aguaceiro, em tempestade. Mas afinal, quanto é que já chega para eles? É bom ser um deus jovem, tudo é interessante, nada se percebe, mas não apetecia dar cabo daqueles lá em baixo, que ainda vivam mais um pouco, sim? Decidiu parar — mais vale a menos do que a mais. Lá em baixo felicitavam o xamã, mais uma vez tinha conseguido — despertara a consciência naqueles lá em cima. Senão tinham todos acabado como sapos, e nós não temos desses totens. Havemos de arranjar, talvez?

”



Fountain at Rossio Square

Fonte da Praça do Rossio



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Lisboa, Portugal.

Estilo: figurativo com elementos gráficos.

A composição é constituída principalmente por tons de verde, branco e negro.

O fundo forma um suave gradiente de verde mais profundo no topo para um verde-amarelado mais claro na parte inferior. A tinta é aplicada em finas camadas com textura de pincel visível.

Em primeiro plano, uma grande silhueta negra de uma fonte ocupa a maior parte do lado esquerdo e do centro da composição. A fonte tem uma ampla bacia circular com bordo decorativo e um pedestal robusto na base.

Sobre a bacia, um grupo escultórico representado em formas prateadas sobre a silhueta negra. Os volumes são simplificados e gráficos, com formas curvas e estratificadas que sugerem figuras drapeadas e elementos ornamentais.

Por detrás da fonte eleva-se uma forma alta e estreita semelhante a um monumento, pintada em prata pálida, com silhueta vertical, base mais larga e secção superior mais estreita.

No bordo direito da bacia da fonte, uma pequena ave branca em perfil virada para a direita.

No canto inferior esquerdo, uma silhueta em branco, prata e negro de uma estátua perto da base da fonte, com um braço erguido.





Inart
• ACRYLIC •

POLYMER
++++

75 ml | 2.5 FL OZ

30

Softacryl
Acrylfarbe

30 ml

Inart
• ACRYLIC •

LIGHT GREEN
++

75 ml | 2.5 FL OZ

“

Não vás embora, por favor. Segurava a mão, sentindo na ponta dos dedos a palma quente, a tremer. Fica, sim? Já tinham passado tantos anos, e continuava a segurar aquela mão na sua. Não foi embora — ficou.

”

”

Noite em Amesterdão



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 24×30 cm, vertical.
Estilo: cena urbana semi-abstrata.

A composição é dominada por azul-escuro e negro com acentos dourados vivos.

A maior parte da tela é ocupada pela silhueta escura de um edifício de vários andares, visto de baixo e ligeiramente em ângulo. A fachada é definida por linhas verticais e horizontais retas que formam uma grelha de janelas retangulares.

Quatro janelas grandes em dois registos, próximas do centro, brilham em amarelo vivo. As duas da esquerda contêm linhas horizontais e verticais que as dividem em três painéis. A janela superior da direita tem apenas um divisor horizontal, e a inferior não está dividida.

As demais janelas à volta são preenchidas com diversas tonalidades de azul, algumas mais escuras, outras com zonas azul-claras de bordos irregulares.

O fundo é pintado em camadas de azul-escuro e azul-médio. Perto do canto superior esquerdo, formas azul-claras irregulares surgem sobre o tom mais escuro.

A superfície do edifício é pintada em negro profundo com textura de pincel visível e marcas de tinta circulares dispersas.

A textura da tela é visível em toda a obra, com a tinta acrílica em camadas a criar variações subtis de superfície e tonalidade.



Abraçava com tanta força que quase não havia espaço para respirar.
Mas com alguém como tu há sempre espaço para respirar.

”



“

Tarde Verde em Veneza



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 24×30 cm.
Estilo: Cena urbana semi-abstrata.

A composição é constituída por tons de verde, turquesa, azul-escuro, negro e dourado metálico.

O fundo forma largas bandas horizontais de tons verdes, transitando progressivamente de um verde-azulado mais escuro no topo para um verde mais claro na parte inferior da tela.

No canto superior esquerdo, uma pequena forma de crescente branca sobre a banda mais escura do céu.

Pela parte inferior da composição, silhuetas em azul-escuro de edifícios estendem-se horizontalmente. As formas são simplificadas e executadas com bordos suaves e irregulares.

No lado direito, um edifício mais alto eleva-se acima dos restantes. No seu telhado, uma estrutura linear negra fina forma uma estrutura angular.

Dois retângulos verticais estreitos de dourado metálico surgem na fachada deste edifício, sugerindo janelas iluminadas.

No lado esquerdo, uma estrutura semelhante a um guindaste é desenhada com linhas negras finas: um elemento vertical alto e um braço longo e oblíquo que se estende diagonalmente para o centro da composição.

Os edifícios e as estruturas são representados como silhuetas planas sobre o céu verde estratificado.



“

Passou meia noite a colar aquelas asas de merda. *Pena a pena, tudo direitinho para a miúda. Quem foi que inventou estas festas de merda. E o jardim de infância de merda. E este inverno de merda, meu Deus, que vá para o raio. E eu... não, espera.*

É preciso fazer uma pausa. Tenho de fazer. Vá.

Foi à cozinha, serviu chá. Olhou para o relógio — *já nem valia a pena deitar-se, acaba de colar as asas e depois a miúda acorda, e essa festa dela, como é que se chama.*

Angélica, pronto. E eu vou lá estar.

Bebia o chá. Olhava pela janela como a neve caía — em flocos grandes, devagar, durante muito tempo, com suavidade. Rodopiava, como se fosse só para ela, a convidá-la para dançar. Dançavam.

”

Inverno em Vilnius





Inverno em Vilnius



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 40×50 cm, vertical.

Estilo: abstrato com elementos figurativos.

A obra é executada numa paleta fria dominada por azul, verde-acinzentado e negro.

No primeiro plano, uma cadeira metálica desenhada de modo primitivo — apenas com linha negra, sem preenchimento, com encosto decorativo de elementos curvos. À sua direita, o contorno de uma mesa, igualmente em negro. Ambas assentam sobre uma superfície branca e azul-claro; os seus contornos são parcialmente cobertos por pinceladas pálidas sobrepostas.

Do lado esquerdo, pinceladas verticais escuras em tons de azul e violeta sobem com bordos irregulares.

Ao fundo, linhas entrecruzadas em cinzento e azul — verticais, horizontais e diagonais — formam uma estrutura em grelha.

Na parte superior direita, um grande elemento dourado composto de largas pinceladas que irradiam para o exterior.





Anjo na Praça dos Restauradores

“

À entrada do clube estavam dois idiotas. Pelo menos era assim que ela pensava; o rapaz dizia que eram amigos dele, que nos iam deixar passar. Meu Deus, e se afinal não deixam? Que se foda este clube, e o concerto, e o rapaz — e eu também. Que os idiotas fiquem lá, que se divirtam e que tudo lhes corra bem, desde que não nos deixem entrar.

E não deixaram. Disseram que a sala estava cheia, que já não havia lugares, que o concerto hoje não é para si, madame.

— Se calhar não gostaram da minha blusa transparente — disse eu ao rapaz carrancudo. — Enfim, clube é clube, mas também é preciso ter consciência. Aquilo não é um cão qualquer em cima do palco, é aquele... como é que ele se chama...

O rapaz estava irritado.

— Olha, e se fores tu sem mim?

E foi assim que nos separámos.

Depois andei a passear durante muito tempo. Pela marginal, pelas pontes, pelas ruas, debaixo das estrelas. Esta noite é boa. Muito boa mesmo.

”

Anjo na Praça dos Restauradores



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Lisboa, Portugal.

Estilo: Figurativo com elementos gráficos.

A composição divide-se verticalmente em dois grandes campos cromáticos.

A metade esquerda da tela é coberta por uma larga área amarelodourada com pinceladas visíveis e bordos irregulares.

A metade direita é pintada em tons de azul profundo com drips de tinta escura descendentes da parte superior da tela.

Na fronteira entre as duas áreas surge a silhueta de uma figura alada evocando uma estátua de anjo. A figura é pintada em verde-escuro, com uma forma turquesa mais clara que toca a zona central do corpo, sugerindo uma sombra.

O anjo eleva um braço segurando uma pequena forma circular semelhante a uma grinalda. Finas linhas amarelas acompanham partes da figura, sublinhando os contornos do braço levantado e de partes do manto.

As asas estendem-se diagonalmente para fora do corpo, formando formas irregulares emplumadas sobre o fundo dourado.







Catedral de São Vito

“ Sentada no passeio, fazia festas a uma gata preta. A gata saiu de um buraco na parede e já há uns bons minutos se roçava nas pernas. Vê lá como gostas de mim, pensava, e não tenho nada para te dar, vou fazer-te festas de graça, desculpa lá, querida, e obrigada.

Então, pensava a gata, então, fica aqui por agora, não vás a lado nenhum. Quando puder ser — digo, viro costas e vou-me embora, mas por agora fica. E coça-me atrás da orelha, assim mesmo.

”

St. Vitus cathedral



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 40×30 cm, horizontal.

Localização: Praga, República Checa.

Estilo: Abstrato com referências arquitetónicas.

A composição é construída a partir de formas verticais e diagonais estratificadas em púrpura, azul-escuro, turquesa, amarelo e branco.

O fundo é composto por largas áreas irregulares de tinta amarela, turquesa e prateada, aplicadas em camadas semitransparentes que permitem que a textura da tela permaneça visível.

Pela superfície correm numerosos drips verticais de tinta em púrpura-escuro e azul, descendo da parte superior da tela para o bordo inferior.

Na zona central, várias bandas diagonais espessas em púrpura e azul-escuro intersectam-se, formando estruturas angulares que conectam visualmente diferentes partes da composição.

Ao longo da secção inferior da tela, formas curvas e arqueadas em azul-escuro e púrpura sugerem elementos arquitetónicos.

O conjunto de linhas verticais sobrepostas, vigas diagonais e formas arqueadas cria uma estrutura estratificada que evoca livremente a verticalidade complexa e o ritmo das catedrais góticas.





“

”

Pensava: e se agora — faço mesmo isso! Faço e lambo a vedação! Faço e lambo! Para aprenderem a não gritar comigo, aqui têm! Apareço com a boca toda ensanguentada, língua de fora, e depois o que é que me fazem! Vão amar-me, é o que vão fazer.

Pôs a língua de fora, foi avançando na direção da rede metálica que separava o jardim da praça turística. Olhava em frente, tudo se desfocava.

Viu um anjo do outro lado da rede.
E mudou de ideias.

Anjo em Veneza



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 24×30 cm, vertical.

Estilo: Abstrato com referências figurativas.

A composição é constituída por tons de pêssego, azul-claro, turquesa, azul-escuro, branco, dourado e pequenos acentos de vermelho.

O fundo é composto por um largo campo cor-de-pêssego com manchas e velados irregulares em tons vermelhos e cor-de-rosa distribuídos pela superfície.

No centro da composição surge uma pequena figura escultórica executada em tinta branca e dourada metálica, evocando uma estátua alada sobre um pedestal.

Uma asa projeta-se para cima enquanto a outra se estende horizontalmente para a direita. O corpo e o pedestal são pintados com pinceladas brancas e douradas em camadas.

Pela tela corre uma estrutura em grelha composta por linhas horizontais e verticais turquesa. Tinta azul-escura é aplicada ao longo destas linhas em manchas irregulares, criando segmentos mais espessos sobre a grelha.

Largas formas irregulares em azul-claro cobrem parcialmente a metade inferior da composição, sobrepondo-se à grelha e ao pedestal da estátua.





“

Achava que tinha enlouquecido. Vozes na cabeça — isso até pode ser ótimo. Se fossem vozes más, que incitam, ainda dava para culpar os pais (como dizia o psicólogo: «de quem é essa voz que o chama de falhado gordo? Será mesmo assim?»).

Pronto, lá se resolvia de alguma maneira.

Mas aqui era uma voz tão cuidadosa: *vá, dizia, vamos fazer sandes. Com fiambre. Não há? Tira dinheiro da reserva, pode ser. E faz também com queijo, mete no micro-ondas. Queres mais — faz mais! E depois, dizia, vamos ler policiais e comer estas sandes. O trabalho pode esperar, são todos adultos, hão de dar conta do recado. Hoje pode tudo.*

Meu Deus, quem é isto?

”



Sussurros de pedra e água



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 40×50 cm, vertical.

Localização: Porto, Portugal.

Estilo: Abstrato com referências arquitetónicas e figurativas.

A composição assenta em tons de verde profundo, turquesa, cinzento escuro, branco e verde-claro.

O fundo é composto por camadas de pinceladas em verde profundo e turquesa, com manchas mais escuras e drips verticais. Zonas de textura amarelo-esverdeada surgem na zona central e à direita da composição.

No centro da tela eleva-se uma estrutura prateada, semelhante a uma fonte, composta por vários elementos empilhados de formas circulares e côncavas. O volume ascende verticalmente a partir da parte inferior da tela, executado em espessas pinceladas brancas.

No topo da estrutura, uma pequena forma escultórica irregular em prata e cinzento escuro.

Em torno da forma central, vários grupos de pequenas formas irregulares prateadas dispersam-se pela parte superior e pelo lado esquerdo da composição.

Sob a fonte, uma larga zona de verde-claro espalha-se horizontalmente, sugerindo chão ou vegetação.

Formas escuras irregulares em torno da estrutura central criam um fundo denso e estratificado por detrás da fonte.



“

Uma estrela caiu diretamente nas mãos abertas. Fresca, luminosa, pura luz, todas as cores.

Soprou um vento quente de primavera, veio vontade de ser ninguém — e tornou-se tudo.

Contava os caracóis no cabelo da pessoa amada — quarenta e sete, quarenta e oito, cento e cinquenta e quatro — não há números para o amor, nem fazem falta.

Acordou com o som das gotas a cair no parapeito, debruçou-se pela janela até à cintura, sentiu-se vivo. Abriu a boca, apanhava as gotas com a língua. Isto não faz mal de certeza, e um pouco de abril dentro do corpo — é mesmo o que faz falta.

Encostava a face ao lado áspero de um velho mosteiro abandonado. Viu, ali perto, ao longo de um caminho de pedra gasta, a correr, um esquilo. Procurou no bolso, encontrou nozes.

”





Gimonde



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Bragança, Portugal.

Estilo: Abstrato com referências arquitetônicas.

A composição é constituída por tons de verde-pálido, amarelo, branco, castanho muito escuro próximo do negro e violeta.

O fundo é formado por camadas de tons verde-pálidos e amarelos, aplicadas com pinceladas visíveis. Largas manchas de tinta branca cobrem parcialmente a superfície, criando formas sobrepostas irregulares.

Na metade inferior da composição, uma grande forma branca irregular surge, delimitada à esquerda e ao longo do bordo inferior por uma estrutura espessa pintada em castanho muito escuro, próximo do negro, com bordos rugosos e irregulares. A disposição angular destas formas escuras evoca livremente parte de uma casa ou de uma parede.

No lado direito da área branca, uma forma retangular semelhante a uma janela é delineada com finas linhas violeta e dividida verticalmente por uma única linha.

Pela parte superior da composição, uma linha diagonal escura estende-se do canto inferior esquerdo para o superior direito. Ao longo desta linha, uma sequência de pequenas formas triangulares brancas, cada uma delineada por um fino contorno violeta.





Catedral de Braga sob a chuva

“

— Nem consigo acreditar que te estou a ver outra vez — sorria de orelha a orelha, dava palmadas no ombro, semicerrava os olhos de alegria, brilhava. — Já lá vão dezassete anos, afinal, pensei que tinhas mudado de cidade, que tinhas outra vida. Foste embora de um dia para o outro, lembras-te? E nunca mais se soube de ti. Eu pensei: ainda bem, estás a fazer o que sempre quiseste.

Ia ouvindo coisas sobre ti, aqui e ali, mas ninguém sabia nada de concreto, o importante era saber que estavas vivo. E pensei: se está vivo, já é bom. Que te corra tudo bem, como queres, como gostas, que a vida se arranje de alguma maneira — e agora aqui estás.

Dizes que também tinhas saudades? Fico tão contente.

”



Catedral de Braga sob a chuva



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.
Estilo: abstrato com elementos arquitetónicos.

A composição é constituída por tons muito pálidos de azul, cinzento, branco e negro.

O fundo é coberto por suaves camadas de tinta azul, com pinceladas visíveis e salpicos dispersos de tonalidades mais claras e mais escuras.

Na parte superior da tela, uma larga área prateada irregular ocupa o centro, construída a partir de formas arredondadas sobrepostas evocadoras de um cúmulo de nuvens. Vários drips brancos descem verticalmente desta área.

De ambos os lados da composição, largas formas brancas e prateadas delineadas a negro formam estruturas verticais irregulares, deixando um espaço aberto ao centro.

Nesta abertura central surge a silhueta negra de um edifício de tipo catedral, com telhado pontiagudo, várias agulhas esbeltas e uma cruz no lado esquerdo.

Abaixo da silhueta, uma extensão vertical estreita desce para a zona inferior da tela, formando uma forma escura à maneira de reflexo.

Finos filamentos verticais de tinta diluída descem pela superfície da tela, variando em espessura e transparência.



“

Gostava muito de aves. Pequenas e delicadas, inteligentes e engraçadas, ocupadas com as suas coisas, e dava tanta alegria vê-las. Arranjou um periquito, gostava muito dele.

O periquito acabou por ser uma gralha na terceira reencarnação — gritava de forma insuportável e estava sempre a tentar roubar qualquer coisa. Mas, meu Deus, quanto amor havia ali.

Quando adormecia, deixava-o sair da gaiola. Ele voava um pouco pelo quarto, depois pousava-lhe no ombro e ficava ali até ela adormecer. Chegou a aprender a dormir sem se mexer, só para não incomodar a ave. E os sonhos com ele eram incríveis.

Um dia acordou, viu uns olhos pequenos a brilhar no escuro — o periquito estava sentado na cama, aos pés, a olhar diretamente para ela.

— Vá, dorme — a voz desagradável, quebradiça, era sem dúvida da ave. — Gostava de acabar pelo menos este sonho antes do amanhecer. Depois chegam os pombos.

”



inart

• ACRYLIC •

TURQUOISE 1

■+++

75 ml | 2.53 fl.oz

Softacryl
Raphaël

30 mm
(1 1/4")

30

Softacryl

Raphaël

30 mm

(1 1/4")

281

Inverno em Kutná Hora



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 24×30 cm, vertical.

Estilo: abstrato com elementos arquitetónicos.

A composição é dominada por tons frios de azul e turquesa sobre um fundo prateado.

No lado esquerdo da tela, a silhueta em azul-escuro da fachada de um edifício, com bordos irregulares e ligeiramente serrilhados. Uma fina linha azul desce paralelamente ao contorno do edifício.

Perto do centro eleva-se uma estrutura em forma de torre, pintada em azul profundo. O seu contorno é irregular e denteado, formando múltiplas formas pontiagudas evocadoras de agulhas góticas. Na secção superior desta estrutura, uma pequena abertura oval.

Um elemento diagonal azul estende-se do lado esquerdo da torre em direção ao edifício da esquerda, formando uma ligação à maneira de ponte entre as duas formas.

Por detrás das estruturas em azul-escuro, diversas formas turquesas de bordos suaves e arredondados sobem verticalmente, como silhuetas sobrepostas.

Na zona central inferior, uma forma de telhado triangular em azul-escuro. Abaixo dela, duas pequenas linhas arqueadas em negro estreito, evocando janelas.

O fundo é maioritariamente cinzento-claro, com textura de tela subtil e finas camadas de tinta visíveis em toda a superfície.



Um Barco em Veneza



“

Odiava o trabalho com toda a alma, ferozmente, desesperadamente, como alguns rezam. Odiava cada centímetro do linóleo, cada fissura na chávena coberta de uma crosta antiga de chá, a careca do chefe, os colegas estúpidos, e Deus, tudo, tudo, tudo.

E depois veio março, e abril, e maio. E afinal, como às vezes é preciso tão pouco para voltar a querer viver. E claro, também graças ao amigo com quem se bebeu durante toda uma noite quente de verão — e não qualquer coisa, mas o melhor lá das regiões dele, não tinha vindo em vão. Bebiam e escreviam a carta de demissão, riam como se estivessem a ler um livro de anedotas favoritas, ainda bem que não mancharam o papel. E mesmo que tivessem!

Não pode haver mais fevereiros assim na vida. Nunca.

”



Um Barco em Veneza



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 40×50 cm, formato vertical.

Estilo: Abstrato com referências arquitetônicas e figurativas.

A composição é constituída por tons de turquesa, rosa-pálido, vermelho, verde, negro e prata.

O fundo é composto por camadas horizontais de pinceladas em rosa-pálido e castanho-acinzentado aplicadas pela superfície. A tinta é irregular, deixando a textura da tela visível em várias zonas.

No centro da composição, um estreito canal turquesa estende-se verticalmente em perspectiva. A superfície da água contém formas turquesas mais escuras, sugerindo reflexos.

Perto da parte superior do canal, um pequeno barco verde representado com formas planas simples.

De ambos os lados do canal, formas de edifícios simplificadas. No lado direito, uma parede rosa-pálida com contornos vermelhos apresenta várias formas altas e arqueadas semelhantes a janelas e retângulos irregulares à maneira de tijolo.

No lado esquerdo, formas vegetais verdes pendem sobre o canal. Uma estrutura vermelha vertical alta eleva-se perto do centro, sobrepondo-se parcialmente ao fundo.

Ao fundo, uma pequena ponte escura executada em linhas finas atravessa o canal entre os edifícios.





“

Através das grades nas janelas e das finas cortinas de algodão via-se o estúdio. Agora vazio, quase abandonado, mas antes — antes devia ter sido divertido, pensava, vestindo sem querer a vida de outra pessoa.

Telas, pincéis, festas, outra vez telas... Que bom!

De algum lado, lá de cima, começou a cair luz e cor — um grupo de rapazes e raparigas, de idade indefinida, passava a festejar qualquer coisa, a rir alto, a atirar confetes. Uma rapariga correu até ela e, a rir, entregou-lhe um copo de plástico, disse que era vinho de maçã.

Provou — sabia a coisa barata, mas era maravilhoso.

Oh, pensou, outra vez! Ainda tenho de acabar o quadro! Amanhã vai para a exposição, e às nove já a Tânia vem cá beber café com licor, e eu ainda, e eu! Bem, isto assim não dá, é preciso ir já.

”

Veneza contempla o Céu



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×24 cm.

Estilo: Abstrato com referências arquitetónicas e figurativas.

A composição é constituída por tons de verde profundo, turquesa, branco, negro e dourado metálico.

O fundo é composto por camadas de pinceladas em verde profundo e turquesa com manchas irregulares mais escuras distribuídas pela superfície.

Pelo centro da composição corre uma larga banda horizontal de espessa tinta branca que forma uma forma irregular semelhante a uma nuvem, com bordos irregulares.

Dentro desta banda branca surgem três figuras simplificadas à maneira de estátuas. São representadas como silhuetas escuras em tons de negro e cinzento profundo.

Duas das figuras têm grandes asas estendidas para trás, pintadas em verde vivo e decoradas com pequenas marcas douradas repetidas.

A figura da direita apresenta uma auréola formada por um anel de pequenos pontos dourados em torno da cabeça. Um braço desta figura está estendido para o exterior e parece parcialmente fragmentado.

O fundo branco à maneira de nuvem delinea os corpos das figuras, deixando as asas, os braços e as cabeças visíveis contra o fundo mais claro.

Formas verdes irregulares escuras espalham-se abaixo da banda branca, conectando as formas centrais com a parte inferior da tela.



Užupis Angel statue in red



“

...encontrou no fundo de uma gaveta um colar da avó. Ficava a rodá-lo nas mãos, pensativo, sem o largar, mesmo quando foi fazer café — já tinha fervido demais no cezve, amargo, intragável. Comia bolachas, bebia café, olhava para o colar, comia, bebia, olhava. E não conseguiu decidir o que fazer com aquilo.

A avó já tinha morrido há muito, e perceber o que ela própria faria com o colar, quando era viva, não era fácil — não era pessoa de usar ouro tão pesado, ainda por cima com pedras, enormes pedras vermelhas, ao pescoço forte que tinha. Vender não fazia sentido — há muito que não precisava de dinheiro, e além disso dava trabalho. Oferecer não havia a quem, e também não ofereceria — não era o tipo de pessoa cuja coisa se pudesse pôr, de consciência tranquila, ao pescoço de alguém querido. Brrr.

Saiu de casa sem casaco, caminhou uns bons quilómetros — havia ali uma obra. Entrou por um buraco na vedação, mais decorativa do que propriamente protetora, atirou o colar para dentro de uma betoneira e foi-se embora.

Alguém vai ter uma surpresa.

”

Užupis Angel statue in red



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 24×30 cm, vertical.

Localização: Vilnius, Lituânia.

Estilo: abstrato com elementos figurativos.

A composição é constituída principalmente por tons de cinzento, branco e vermelho-escuro.

No centro da tela, o contorno simplificado da estátua do Anjo de Užupis, pintado em vermelho-escuro. A figura assenta numa estreita coluna vertical. O contorno é irregular e fluido, como se traçado num único movimento contínuo de pincel.

O anjo segura uma forma de trombeta que se projeta diagonalmente para cima e para a esquerda, sugerida por apenas algumas linhas vermelhas. Uma asa estende-se para a direita, enquanto a outra forma uma curva irregular para a esquerda.

Vários drips de tinta vermelha descendem verticalmente a partir do corpo da figura e da base da coluna.

O fundo é composto por zonas irregulares de cinzento-claro, cinzento mais escuro e tinta prateada com textura visível de pincel e espátula.

Na parte superior do fundo, desenhos lineares brancos formam configurações circulares e em espiral. Na proximidade, pequenos pontos brancos em fileiras verticais dispersas.

Uma larga pincelada branca atravessa diagonalmente o fundo por detrás da figura vermelha, da direita superior em direção ao centro.

A superfície da tela apresenta textura marcada, camadas de tinta sobrepostas e relevos distribuídos por toda a composição.





“

A casa abriu-se em duas diante dos olhos dela. Quer dizer, abriu-se — ali estava a parede de betão, e ali uma fenda a meio, do telhado até ao chão, e do outro lado o mesmo. Pois, também acho que está na altura de nos separarmos — disse em voz alta. Agora vai haver sempre corrente de ar entre as camas. Bem, já havia antes. A chuva caía-lhe pelo rosto, já não havia trovão. Está na altura de fazer a mala.

”



Anjo da Igreja dos Clérigos

Anjo da Igreja dos Clérigos



Descrição visual

Acrílico e marcadores sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Localização: Porto, Portugal.

Estilo: Abstrato com referências arquitetónicas e figurativas.

A composição é dominada por tons turquesa e azul-esverdeado escuro, com uma larga área dourada vertical no lado direito da tela.

O fundo é composto por camadas de pinceladas em tons de turquesa e azul-esverdeado escuro, criando uma superfície texturada com variações de densidade cromática.

No lado direito, uma forma retangular alta e dourada ocupa quase toda a altura da tela. A tinta é aplicada em espessa camada, com textura de superfície visível e bordos irregulares.

Na zona centro-esquerda, uma figura linear branca de um anjo é desenhada com pinceladas largas e linhas curtas e segmentadas. A figura está ligeiramente voltada para a direita, olhando diretamente para o observador.

Uma asa estende-se para trás da figura como uma larga forma curvada branca. O corpo e os membros são indicados por linhas brancas interrompidas e pequenos segmentos pintados, em vez de contornos contínuos.

Vários traços brancos curtos em torno dos braços e do tronco sublinham a direção e o movimento da pose da figura.



St. Anne's church in Vilnius



“

— É curioso como Lenine e Jesus descansam nos mesmos dias — dizia, apontando para a catedral que, tal como o mausoléu, estava fechada à segunda-feira. — E mesmo que deixemos de lado a ideia de uma vida depois da morte mais animada, em que todos celebram as segundas-feiras juntos e, por exemplo, fazem visitas uns aos outros, e por isso não recebem visitantes nesse dia, mesmo sem pensar nisso, fica uma pergunta: porquê precisamente segunda-feira? Um, como sabemos, ressuscitou ontem. O outro morreu precisamente nesse dia. Não bate certo!

— Meu sol, estás a delirar — disse ele com ternura, abraçando-a pelos ombros — e, na verdade, ainda bem, gosto muito, e obrigado por este passeio maravilhoso, embora eu não tivesse intenções de visitar nem um nem outro. Mas tu pareces com fome, vamos antes comer qualquer coisa? E depois vamos para tua casa.

”

Igreja de Santa Ana em Vilnius



Descrição visual

Acrílico sobre tela, 30×40 cm, vertical.

Estilo: abstrato com motivos arquitetónicos góticos.

A composição divide-se em duas partes — superior e inferior.

A parte superior ocupa cerca de dois terços da tela. Sobre um fundo plano em cinzento-claro, evocando o céu, emergem contornos abstratos de uma igreja, construídos com largas pinceladas verticais e diagonais em tons quentes: amarelo com dourado metálico, laranja, vermelho-tijolo e castanho-avermelhado. As formas sugerem volumes alongados semelhantes a torres, aberturas em arco e uma torre central elevada. Algumas zonas são complementadas com pinceladas cor-de-carne e azul-acinzentado, conferindo profundidade.

A parte inferior da tela apresenta uma superfície plana em verde-acinzentado. Sobre este fundo destacam-se três figuras humanas, cada uma orlada por uma mancha branca à maneira de contorno luminoso.

À esquerda, duas figuras caminham lado a lado, pintadas em castanho escuro, quase negro, com um ponto dourado brilhante no peito.

À direita, uma figura solitária, executada em tons de cinzento-claro, com a parte superior em amarelo-dourado quente. A postura é descontraída, com o tronco ligeiramente inclinado para trás.

Assim, a parte superior da tela representa o edifício da igreja contra o céu, enquanto a parte inferior mostra três figuras numa superfície plana.











Leidari Dey

Há histórias que requerem mais do que um meio para serem devidamente traduzidas.

leidari-dey.art

[instagram.com/leidari_dey_the_artist](https://www.instagram.com/leidari_dey_the_artist)

© 2026

